

PALAVRA DE POESIA

António Carlos Cortez

**Alice Vieira
Memórias, evocações,
(bio)grafia**



Alice Vieira **De vícios, de vida, de corredores vazios nos fala uma voz (auto)biográfica**

Com uma epígrafe de Nuno Júdice, retirada de um livro intitulado *Geometria Variável*, de 2005, o mais recente livro de Alice Vieira – autora consagrada na difícil arte do livro para crianças (e esta designação nada tem de pejorativo ou de menoscabo, muito pelo contrário) – parece ainda repetir, ou regressar, a alguns dos tópicos que no livro *Dois Corpos Tombando na Água* (2007) ou no volume *O Que Dói às Aves* (2009) poderíamos relacionar com a *tristitia*, a melancolia. Há livros assim: nostálgicos da perda dum outro, feitos de uma ausência inominável e que só parecem fazer sentido por estarem perto de virem a ser, eles, livros, a concretização de uma outra ausência – a daquele que escreve.

No caso dos livros de poesia de Alice Vieira, não será por acaso que a ausência é um dos temas mais recorrentes. Talvez por se saber que a poesia fala de qualquer coisa que é indizível,

os versos da autora de *Os Armários da Noite* são sempre versos escorrendo a tinta da melancolia, uma tinta que não é indelével, mas antes propensa, pelo desenho gráfico na página, a certa dispersão ou sugestão de polifonia ou voz entrecortada com imagens dessa ausência que se quer fixar. A tinta da poesia, a tinta da melancolia torna-se gesto apenas interessado em falar para dentro como se ninguém mais nos ouvisse. Por isso é um gesto cujas consequências são verdadeiramente poéticas. Uma vez que a ausência se torna presente, a voz que fala nestes textos tem de se virar para fora, contar, narrar o que sucedeu, fazer da poesia uma reportagem do mundo íntimo. Abrir as gavetas desse armários da noite, eis o que este livro de Alice Vieira parece fazer.

Abrir as gavetas como quem abre o poema e dá a ver aos leitores não só a organização de

um mundo de linguagem, mas – e sobretudo – a organização de uma linguagem que comporta todo um mundo. Dentro dos armários, nas gavetas que possam eles conter, que encontraremos? Imagens, evocações, cenas, encontros e desencontros, viagens, tangos, “fandangos orquestrados”, como escreveu um dia David Mourão-Ferreira... A epígrafe, aliás, convém ser lida como convite a uma estranha orquestração: “... não convém abrir os armários da noite / mesmo que as sombras nos peçam / o que está dentro deles”, escreve Nuno Júdice. Mas perante a injunção, o conselho, o pedido, o aviso, como pode o leitor, como pode o poeta que a outro poeta responde, deixar de abrir os armários da noite? Se, para mais, os armários são o poema e a expressão “armários da noite” um zeugma (não se abrem armários da noite, pois não consta que a noite tenha armários) que torna fecunda

uma leitura não literal do que nos parece confissão à noite, ou gesto romântico, então a resposta, a réplica entre poetas talvez faça sentido, não porque Alice Vieira concorde com os versos de Nuno Júdice, mas sim porque os versos de Júdice dizem o que os poemas de Alice vêm dizer.

A noite, esse tempo da meditação e da solidão criativa é, de facto, configurada como armário que tudo pode conter, encerrar e que, por meio da escrita, será aberto. O poema resulta desse gesto de abrir a noite, o armário (os armários) da noite, dando a ver “o perigo de acumular silêncios em / corredores vazios ou / qualquer outro vício que / a vida nos traz”. De vícios, de vida, de corredores vazios nos fala uma voz (auto) biográfica. Há, aliás, uma atmosfera que alinha com o teor destes textos: uma atmosfera que vem de certa boémia lisboeta, de uma “Lisboa à balda”, na conhecida expressão de Cardoso Pires. Mas sucede que essa boémia não é sinónimo (e talvez não tenha sido nunca), de alegria ou flashes súbitos de quaisquer discotecas, tais quais as do nosso “tempo detergente”. A boémia, o tango, os fandangos orquestrados, os uísques, hotéis, aviões, conversas acabadas ou por acabar, tudo isso é, neste livro, sinónimo de memória, de uma dolorosa aprendizagem das ausências que a vida inevitavelmente traz. O problema que se coloca é precisamente o de saber como falar dessa ausência que torna o tempo um escultor exímio de rostos que já não estão aqui, mas

que estão dentro de nós, talvez mais reais porque a memória os aprofunda, os aperfeiçoa e os torna fantasmas nossos, familiares ausentes...

E como falar, pois, de fantasmas? E, de certo modo, como não falar? Não disse Maurice Blanchot que a poesia é sempre conversa com a ausência que nós somos para nós próprios? E o nosso Correia Garção, não escreveu um dia que os livros eram, em certa medida, conversação com os mortos? É, aliás, uma intrincada questão, esta. Por que razão se há-de escrever um livro que parece afirmar a impossibilidade de resgatar do passado aquilo que se recorda? Ou melhor: por que razão se escreve um livro quando, no limite, aquilo de que se fala já passou, não torna mais e se torna, não tornam as idades? Talvez porque a própria escrita se transforme em exercício evocativo que no seu fazer se torna um lugar onde esses fantasmas se animam de novo. E



> Alice Vieira **OS ARMÁRIOS DA NOITE**

Caminho, 80 pp, 11,90 euros

BANDA DESENHADA

João Ramalho Santos

Apartheid

Colectânea de trabalhos do autor sul-africano branco Anton Kannemeyer (curtas bandas desenhadas, ilustrações, cartoons, pinturas) *Papá em África* volta a sublinhar a Mmmnnrrrg/Chili Com Carne como uma das melhores editoras a trabalhar em Portugal, porque publica mais livros que quem se interessa por banda desenhada tem mesmo de conhecer. “Conhecer”, repito, não meramente “Adorar” ou “Detestar”.

Misto de denúncia, reflexão e provocação, o fascínio e poder de choque provocados por Kannemeyer não estão nas histórias realistas de natureza autobiográfica ou alegórica (embora seja excelente a que cita

Hulk), mas no modo como o autor se apropria do grafismo reconhecível de Hergé no polémico *Tintin no Congo*, revisitando as posições paternalistas do livro de uma perspectiva pós-colonialista, e questionando as relações de poder na África do Sul durante o Apartheid e imediatamente a seguir. Embora estereótipos cruéis sejam igual e deprimidamente visíveis nos dois outros álbuns iniciais a preto e branco de Hergé, o anterior (*Tintin no País dos Sovietes*, 1930), e o seguinte (*Tintin na América*, 1932), no primeiro caso o álbum nunca foi redesenhado ou colorido (sugerindo que o autor o “deserdou”), enquanto o segundo fala de um país dominador e “bully”

(de certa forma tornando-o mais “aceitável”?). É pois o racismo colonialista sobre um outro considerado inferior de *Tintin no Congo* (1931, versão a cores em 1946) que tende a concentrar as atenções.

Claro que pegar em algo icónico e questioná-lo subvertendo-o é hoje tão banal como o seu reverso (a desconstrução/homenagem), e Hergé já foi sujeito a vários exercícios deste género. Mas o microcosmos isolado que foi a África do Sul do Apartheid criou quadros referenciais únicos (veja-se, noutro contexto, o documentário de 2012 *Searching for Sugar Man*, sobre o músico Sixto Rodriguez), e Anton

“**Nunca podemos usar o passado para exonerar o presente; a preocupação deve sempre ser identificar (e, se possível, corrigir) o que estamos a fazer hoje**”



Anton Kannemeyer **Um retrato das diferentes realidades da África do Sul**

Kannemeyer destaca-se aqui pela violência com que faz chocar as diferentes realidades do seu país, usando de forma muito interessante um estilo ilustrativo que foi criado especificamente para ser “limpo” e

“neuro”. Isto apesar de a natureza do livro, reunindo vários tipos de peças de diferentes épocas, o tornar desequilibrado enquanto objecto, um conjunto de instantes. A questão em obras como esta

é nesse sentido que um livro de poesia que esconde a lógica de um livro de memórias pode ser lido na sua condição híbrida. A ser assim – espécie de livro de poesia que agencia o autobiográfico ou que propende ao registo das memórias – o melhor será fechá-lo, ao livro, isto é, aos armários, e ficar convencido de que estes textos não são o que dizem ser: poesia. Mas, em rigor, quando é que a poesia não é memória e autobiografia? E quando é que a autobiografia tem de ser o mero registo de verdades puras já por alguém passadas? A autobiografia



A boémia, o tango, os fandangos orquestrados, os uísques, hotéis, aviões, conversas acabadas ou por acabar, tudo isso é, neste livro, sinónimo de memória, de uma dolorosa aprendizagem das ausências que a vida inevitavelmente traz

esconde, oculta, subtrai (e trai) o que se diz ser. É, como se sabe, um escrito ficcional. O eu que fala é e não é o autor, o detentor da autoridade sobre o escrito. Mas, no fundo, se estamos no

domínio da ficção e da literatura, mesmo poemas como os de Alice Vieira, que nos podem parecer tão autobiográficos e tão perto de uma chamada “Literatura do Eu”, mesmos estes textos, não deixam de se afirmar no seu grau de fingimento, de ficcionalidade. Este livro é, pois, um livro de poesia que, colocado sempre na primeira pessoa, se reiventa a cada passo e desestrutura, ou se estrutura, como puzzle de uma memória em movimento.

É, de resto, sintomático que os textos não tenham títulos. São numerados, como se intensificando a ambiguidade entre o regime da poesia e o que poderia ser visto como diário, submetido à ordem do calendário, à cronologia, enumeração dos dias e tempos, que se evocam. O poema primeiro é, a todos os níveis, um texto estranho, ambíguo: “por vezes surge – nos mesmo a tentação de / as tapar com os lençóis brancos das arcas / onde as avós nos organizavam o futuro / e que nunca usávamos porque / eram de linho e o linho / dava muito trabalho a engomar / mas rapidamente entendíamos que / também as palavras davam muito trabalho a desdobrar / na nossa língua e / embora uma ou outra ainda tentasse brilhar / acabavam sempre por encontrar o caminho de saída / onde o rasto dos crimes perfeitos as esperava”. É a partir dessa ideia de desdobramento da língua / linho que, no limite, *Os Armários da Noite* se tornam obra, desdobrando-se, abrindo-se em jeito de memórias, evocações, (bio)grafia. JL

é, não só distinguir o genuíno da pose, mas perceber se o papel de algo que se pretende funcione como consciência ou memória se esgota num mero cultivar de denúncia e diferença, apenas para provar que tais coisas podem existir. Garantindo ao mesmo tempo que nunca serão consequentes, por existirem segregadas em parcelas fáceis de classificar, digerir e arquivar. Como é, apesar de tudo, este livro. Quando refiro nas minhas aulas teorias erradas, perigosas e insultuosas

da história da Ciência, que eram antes de aceitação quase unânime (incluindo questões de raça, género ou sexualidade), tento sempre evitar que os alunos se percam nas mensagens acessórias quase sempre subjacentes nos textos disponíveis (que tendem a contrastar um presente iluminado, com um passado feito de ignorâncias “óbvias”) para os focar no essencial. Que é isto: nunca podemos usar o passado para exonerar o presente; a preocupação deve sempre ser identificar (e, se possível, corrigir) o que estamos a fazer hoje que daqui a vinte anos (ou menos) será visto unanimemente como nós vemos agora erros de outras gerações. Embora cortar esta espiral histórica de injustiça pareça muito difícil. Até quando terá a África do Sul democrática de usar o Apartheid como panaceia justificativa para o que não consegue resolver? Ou o Brasil o colonialismo (e/ou a ditadura)? Ou Israel o Holocausto? Sem escamotear o que quer que seja, estas continuam a ser realidades difíceis demasiado úteis e convenientes, também porque muitas vezes servem para dar respostas fáceis. O importante de *Papá em África* é pois não deixar circunscritos os demónios que evoca. JL



► Anton Kannemeyer
ANTON KANNEMEYER
PAPÁ EM ÁFRICA
Mmmnnrrrrg/Chill Com Carne, 64 pp,
15 euros

METROPOLITANA

JANEIRO
TEMPORADA
2014|2015

DON GIOVANNI de W. A. Mozart ATELIÊ DE ÓPERA

Sáb. 17 - 21h00 Fórum Municipal Luísa Todi, Setúbal

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
CORO DE CÂMARA LISBOA CANTAT

Cantores: Participantes no Ateliê de Ópera
Direção vocal e cénica: Jorge Vaz de Carvalho
Maestro do Coro: Jorge Carvalho Alves | Maestro: Pedro Amaral

CONCERTO INAUGURAL
DA TEMPORADA DARCOS 2015

Obras de L. V. BEETHOVEN

Sáb. 10 - 21h30 Teatro-Cine de Torres Vedras

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Solista: Artur Pizarro (piano) | Maestro: Nuno Côrte-Real

TEMPORADA BARROCA
O BARROCO CONCERTANTE

Obras de TELEMANN, BENDA E BERIO

Sex. 23 - 21h30 Palácio Foz

Direção Musical e Viola: Christophe Desjardins

Preço: 12€ - Bilhetes à venda na Ticketline, Sede da Metropolitana e Palácio Foz

TEMPORADA CLÁSSICA
MOZART / BRUCKNER: CHIAROSCURO

Sáb. 24 - 21h30 Teatro Thalia

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
CORO SINFÓNICO LISBOA CANTAT

Maestro do Coro: Jorge Carvalho Alves | Maestro: Reinaldo Guerreiro

Preço: 15€ - Bilhetes à venda na Ticketline e Sede da Metropolitana

www.metropolitana.pt | www.facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320